



TORRE DE RAGÉS.

A pouca distancia de Teheran, capital do imperio da Persia, ha uma torre de construcção singular entre as ruinas da antiga Ragés, cidade mencionada na Sagrada Escripura, no livro de Tobias, cap. ix, e aonde este foi por mandado de seu pae buscar o dinheiro que lhe devia Gabelo; e ahi mesmo é designada como cidade dos médos: *et vadas ad Gabelum in Ragés civitatem Medorum*; e de facto passou na antiguidade por ser a segunda da Média. Passando a ter varios nomes no tempo dos romanos, e por ultimo os turcos e arabes lhe chamaram Rei ou Razi, de que existem restos dispersos.

Difficil é saber se a torre, ainda de pé, pertenceu a algum palacio dos antigos persas. É construida de tijolos, de figura redonda, dividida em vinte e quatro repartimentos, cada um dos quaes forma dois lados de um triangulo, cuja base mede sete palmos e quarto; a altura da torre, segundo o viajante Ker-Porter, é de oitenta e sete palmos, e já não existe a parte que a cobria. A entrada é por uma porta extremamente adereçada de ornatos. Extramuros da cidade acha-se mais outra torre circular, em tudo semelhante e egualmente descoberta, porém construida de cantaria. M.

Onde a vontade exclusivamente impera, nada pode o raciocinio.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

#### MINAS DE PORTUGAL.

A gazeta de Leipzig estabelece como principio que o ferro, e o carvão são hoje em dia os primeiros agentes da moderna civilisação. Com effeito, se notarmos que estes mineraes são a alavanca principal da industria, e que o desenvolvimento d'ella produz o da intelligencia do homem, pela necessidade em que o colloca do estudo das principaes sciencias, e das suas applicações; não poderemos deixar de concluir, que o principio estabelecido é incontestavel, e deve tomar-se como um axioma.

Por maiores que sejam os desejos de implantar ou desinvolver a industria fabril em um paiz aonde faltem estas materias; por mais efficaç que pareça a protecção officialmente concedida; a industria viverá vida mesquinha, rachitica, e enfesada — vida emprestada — e a sua duração será ephemera, quaesquer que sejam os sacrificios feitos para lh'a conservar.

Procurar, portanto, o carvão e o ferro, não é menos necessario á prosperidade de uma nação, do que promover a instrucção do povo, dotar o paiz com boas communicações, ou quaesquer outras coisas de reconhecida utilidade.

Sem communicações faceis não ha commercio que mereça este nome; sem ferro e carvão não pode haver industria que prospere.

O mesmo jornal estranha que a Hespanha, tão

ABRIL, 4, 1857.

rica em jazigos de ferro e carvão, se conserve ainda hoje tributaria ao estrangeiro de não poucos milhões de reales annuaes, pela aquisição de materias, que podia obter de si propria, se a lavra das minas tivesse ali tomado o devido incremento; contudo, ainda que o reparo é justo, e verdadeiro o desfalque da riqueza nacional, a emancipação da industria pode de um momento para outro realisar-se n'aquelle paiz, porque se os jazigos que occultam semelhantes materias não estão explorados, ao menos não se ignora a existencia d'elles.

Na Europa ha unicamente um estado aonde se não lavra o ferro. Em todos os mais as minas de ferro e de carvão, são procuradas com extrema avidéz. As sciencias naturaes e economicas, e com especialidade a physica, a chimica, e a mēchanica, como que disputam entre si á porfia, sobre qual hade prestar maior somma dos seus innumeraveis recursos, e resolver os mais complicados problemas sobre o tratamento do ferro em todos os periodos da sua laboração. Os gazes, o calorico, até ha pouco perdido, nos altos fornos o emprego do ar quente, tudo é aproveitado, e recebe a mais admiravel e intelligente applicação no beneficio do ferro. D'est'arte se diminuiu o trabalho e a despeza, e o que se reputava inutil, ou de pouco proveito, tornou-se um novo e poderoso agente, e mais um elemento productur de grande riqueza.

Ao progresso das sciencias se deve, que paizes aonde se não fabricava o ferro, tenham hoje em actividade altos fornos, e forjas: que outros, aonde esta industria ameaçava de succumbir, ou de se amesquinhar, pela falta do combustivel vegetal, recobrassem, e até desinvolvessem a energia primitiva, alargando o seu campo d'acção industrial. Effeito maravilhoso dos novos agentes de calorico, que a physica e a chimica descobriram, e que a intelligencia humana tão vantajosamente soube aproveitar, supprindo assim uma falta, que a principio parecia irreparavel.

No estado de adiantamento em que actualmente se acha este ramo da industria, pode-se, sem grave offensa, appellidar de semibarbaro o povo, que não possuir ao menos um alto forno, ou uma forja de beneficio do ferro.

Por vergonha nossa (com profunda magoa o dizemos) o unico paiz da Europa aonde se não beneficia um gramma de ferro, é Portugal!! E Portugal tem minas de ferro em quasi todas as suas provincias!!

O viajante que percorrer este paiz em todas as direcções, encontrará repetidas localidades com a denominação de *ferrarias*, aonde achará patentes os vestigios que a justificam, denunciando que n'esses logares houveram outr'ora trabalhos de mineração e fabrico do ferro. Ainda não tem decorrido muitos annos desde que foi abandonada a lavra das minas de Chapa Cunha, de Thomar, e Machuca. A fabrica da foz d'Alge, aonde se tratava o ferro das minas das

proximidades de Figueiró dos Vinhos, Pedrogão, Maças de D. Maria, Portella do Braz, e outros logares, fechou-se em 1833.

Vê-se pois que as gerações passadas não descuraram a mineração e fabrico do ferro, e se as suas modestas forjas não tinham o apparatus nem as vantagens dos estabelecimentos modernos, ao menos provavam que os portuguezes de então acompanhavam, quando não precediam, os outros povos na carreira da civilisação.

Assim se obtinha então não só o ferro metalico para satisfazer as necessidades da industria agricola, e para todos os usos da vida, como tambem para o fabrico dos canhões, e projectis que se empregavam nas guerras. Estava contudo reservado para os portuguezes d'este seculo, não terem sequer uma forja de beneficio do ferro!

Se outros factos não attestassem o nosso atraso, este, só por si, bastaria para o provar.

Talvez se diga que a falta do carvão mineral é, entre nós, a causa unica de se não poder continuar o fabrico do ferro; porém, se, até certo ponto, esta falta é bastantemente sensivel, ella não é todavia a verdadeira causa da interrupção d'aquelle fabrico, e se o paiz tivesse um bom systema de faceis vias de communicação, se se tivesse tratado de crear novas florestas, e conservar as que existiam, e estabelecido convenientemente a policia d'ellas, não teriamos passado pelo desar de ver interrompida a mais util e principal base de toda a industria.

Na Hungria, na Corinthia, em muitos dos estados da Alemanha, na França (e na propria Inglaterra, ainda ha bem poucos annos) fabrica-se muito ferro com o carvão vegetal, e hoje, mais do que nunca, se ventila a conveniencia do emprego de ambas as especies de combustivel no tratamento do ferro, preferindo uma ou outra segundo os diversos periodos do seu fabrico, ou a applicação a que é destinado.

Se os governos se compenetrassem da utilidade de promover a todo o transe o progressivo, porém rapido, incremento da industria; se os diversos partidos depuzessem antigos odios, e volvessem a sua attenção para os verdadeiros interesses do estado; se se comprehendesse que sem industria não ha civilisação digna d'este nome, porque a industria não é outra coisa mais do que a sciencia, e a intelligencia em acção — a nobilitação do homem; se o egoismo vil desse lugar á razão, e se não protegessem ignorantes, especuladores abjectos e charlatães, por considerações indignas de gente honrada, a industria do fabrico do ferro havia de em breves annos chegar em Portugal ao grau de prosperidade que tem attingido entre os outros povos, e com ella medrariam todas as mais industrias, e floresceria o commercio interior e exterior.

O carvão fossil é, sem duvida, o combustivel mais economico que se pode empregar no fabrico do ferro, quando os dois mineraes se acham simultaneamente em condições vantajosas, e é

por este motivo que elle tem tão grande applicação n'aquelle fabrico; porém este combustivel tem mais vasto emprego, e todos sabem que o paiz que possui minas abundantes d'este precioso agente, tem em si o germen de uma verdadeira riqueza.

Em Portugal ignora-se ainda se o solo abunda ou não em combustiveis fosseis, nem mesmo se podem formar quaesquer conjecturas, porque não está geologicamente estudado.

As unicas minas de carvão que existem em lavra, são: a de S. Pedro da Cova, duas leguas ao nascente da cidade do Porto, e a do Cabo Mondego. A primeira produz apenas quatro mil toneladas annuaes, pouco mais ou menos, de anthracite, que se consome nas cosinhas d'aquella cidade, sendo impossivel abrir maior campo de lavra para augmentar a extracção, porque não passa de um insignificante retalho deixado pela denudação. A segunda acha-se em uma formação secundaria, mas a sua importancia é puramente local, porque os pontos accessiveis offerecem uma frente de ataque mui limitada, e o deposito é pouco extenso.

Ultimamente verificou-se a existencia de uma outra formação carbonifera nas proximidades de Alcobaca e districto de Leiria, tambem do periodo secundario, e que apresenta indicações muito lisonjeiras sobre a sua extensão e riqueza. Cremos que a lavra não tardará em demonstrar-nos se as esperanças concebidas são ou não bem fundadas.

Afora estas não ha entre o Tejo e o Douro outras indicações proximas da existencia do carvão mineral, do verdadeiro periodo carbonifero — *terrain houiller* (\*).

No districto de Coimbra ha uma formação do *terrain houiller*, porém as indicações da existencia do carvão são mui remotas, e para se evidenciarem seria necessario despender alguns capitães.

Em outras localidades, as inducções geologicas levam a suspeitar a presença do carvão; mas estas presumpções são insufficientes para decidir o emprego dos capitães na pesquisa d'elle.

Pode portanto dizer-se, que Portugal não tem, por ora, minas de carvão, e que é obrigado a importar todo o combustivel que a sua nascente industria consome, o que lhe faz despender avultadas quantias.

A expectativa sobre a futura descoberta de ricos depositos de carvão, que o emancipem da dependencia em que se acha a sua industria, não é destituída de fundamento; é porém necessario emprehender, sem demora, o estudo geologico do paiz, mas um estudo proveitoso, feito por homens de sciencia, e não por impostores, que só tenham em vista sugar o thesouro publico, e a quem falte a capacidade e honradez, que tão ardua e importante commissão reclama; para que em lugar de se colher escan-

dalos, se alcance credito e utilidade para esta nação, tão digna de melhor sorte que a que lhe tem cabido.

Tal é o estado da industria mineira, e metalurgica em Portugal; estado verdadeiramente lastimoso, e que só administrações eminentemente patrioticas poderão fazer cessar.

CARLOS RIBEIRO.

## VINGANÇA POR VINGANÇA.

### IV

SAMUEL.

Continuação.

Samuel acabava de fechar a porta, despedindo os tres homens, quando, voltando-se para Philippe o Tranqueira, já o viu em preparativos de fundir a prata.

— Hoje não, lhe disse elle, porque temos empresa de maior lucro; e as horas, que já vão adiantadas, chamam-nos a outra parte. Philippe, sereis homem de resolução?

— E quem o negará, sr. Bulhões!

— E ambicioso?

— Tambem não digo que não.

— Pois então a vossa fortuna está feita, e feita por meios honestos, e no serviço do principe. Trata-se de uma grande conspiração contra sua alteza, pois se projecta arrancar el-rei D. Affonso do palacio de Cintra, e entregar-lhe novamente o regimento do reino...

— Anda n'isso vingança de fidalgos...

— Talvez, e de frades com toda a certeza. É preciso, porém, contraminar todos os projectos, sem dar ao publico conhecimento de que se trata de uma conspiração, e isto com o fim de divertir da politica a attenção do povo: portanto a inquisição...

— Já percebo, o santo officio encarrega-se de desaggravar o regente.

— Parte sim, e parte não. Só entra no segredo um dos inquisidores, e por causa dos outros é preciso voltar o processo para a religião. Um dos conspiradores mais influentes deve estar preso a estas horas, e n'esta mesma noite hade entrar nos carceres do santo officio.

— Mas por ora, sr. Bulhões, não percebo a parte que eu possa ter n'esse negocio, para d'elle me provir interesse.

— Devagar, e lá chegaremos. O regente, que está ao facto de tudo, recompensará mui bem aquelle que se prestar a jurar que taes homens judiaram...

— Um testemunho falso!...

— Que não passa das mãos dos inquisidores, nem transpira cá fora das abobadas do santo officio.

— Que pode levar um homem á morte!

— É que salva outro que n'este momento, por

(\*) O anthracite de S. Pedro da Cova pertence a este periodo.

saber do segredo, e não se querer prestar a coadjuval-o, está arriscado a ser mettido nas gálés.

— Como?!

— Os segredos de estado não pesam sómente sobre os que n'elles tomam parte, também sobre aquelles que teem d'elles o mais pequeno vislumbre. Vêde pois o que arriscaes.

— Mas ninguem sabe da nossa pratica.

— Como vos enganaes. A dois passos de nós estão os homens que esperam a vossa resolução, e aos quaes tereis de acompanhar, se vos resolverdes.

— Mas esses homens não vos ouviram, e eu negarei

— Illusão! Sabem que vim aqui, e não cogitam fosse para outro fim. Vamos, decidi-vos. . . quando não, abro aquella porta, dou-lhes entrada, aponto para essa prata que direi pertencer-vos, e o resto ficará por conta das justiças d'el-rei.

— E eu terei vozes para dizer que é vossa, e citarei mesmo a quem a comprastes.

— Nova illusão! Os denunciados juram que lhes não pertence, que sobejó interesse teem elles em conservarem as cabeças pegadas ao corpo, e a prata do mosteiro da Rosa unicamente a vós denunciará.

— As justiças d'el-rei não se illudem assim, inquirem provas, e uma d'ellas contra vós será achar-se a prata em vossa casa.

— Tranqueira! Tranqueira! Esse ponto ainda é um segredo para vós, e para todos, e não estou por ora resolvido a communicar-vol-o; mas considerae que sou homem que já andou por Ceuta e pelas Americas, e que nunca me deixei cair nos laços nem de mafamedes, nem de hollandezes, e que portanto me havia também acautelado contra as vossas denuncias quando vos associei a mim, porque conheço o coração do homem, e sei quanto n'elle podem a ambição, ou a vingança. Vamos, Tranqueira, decidi. . .

— Estou decidido, não juro falso contra ninguém.

— E tal é a vossa ultima resolução?

— Sem duvida.

— Veremos se novo argumento vos pode convencer, porque realmente hade custar-me ver-vos penar.

E assim dizendo, puxou de uma bolsa que despejou sobre a mesa.

Um monte de moedas de ouro rolou d'ella.

— Vêde, continuou, tudo isso vos pertencerá como paga do primeiro serviço.

O Tranqueira hesitou um momento, e respondeu resolutamente:

— Não.

— Paciencia! . . . Já que assim o quereis. . .

E caminhou para a porta.

Filippe, que lhe não descobriu a intenção, não se moveu.

Samuel, pondo a mão no fecho, gritou para o Tranqueira:

— A vossa ultima palavra?

— Não.

E Samuel abriu a porta, e um vulto appareceu no limiar.

A vista d'aquelle homem, e as palavras de Samuel fizeram vacillar Philippe, que rapidamente passou da hesitação ao medo dos ferros d'el-rei.

O recémchegado deu alguns passos avançando para a segunda casa, e Philippe tremeu.

Rapida foi a luta entre a consciencia d'este homem tantas vezes adormecida sobre outros capitulos, e o instincto da propria conservação. Está venceu.

— Vinde cá, sr. Bulhões.

Samuel fez um signal ao novo personagem para se deter, e dirigiu-se para Philippe.

— Então, reconsiderastes bem? Decidistes-vos a ganhar esse dinheiro?

— Sois homem de fazer tremer. . . eu nunca dei testemunho contra ninguém! . . . mas que é mister?

— Seguir aquelle homem que ali vêdes, e cumprir ás cegas as suas ordens. Emquanto aos nossos negocios n'esta casa, nem uma palavra. . . senão. . .

— Bem conheço que me arrisco, e muito, com-vosco. Serei, portanto, discreto.

— Levae d'ahi esse dinheiro que vos pertence todo. . . Tendes folga até á semana; porém de hoje a oito dias aqui sem falta; irei encontrar-vos, como de costume.

Filippe guardou a bolsa que Samuel lhe lançara sobre a mesa.

Parecia-lhe que o contacto d'aquelle dinheiro o abrasava, porque era a paga de um testemunho falso, o que elle nunca fizera em toda a sua vida; porém não tinha meios de resistir a Samuel, que estava de posse de todos os segredos da sua vida, e o podia perder para sempre com uma palavra que soltasse ás justiças.

Depois, aquella perspectiva de um serviço ao infante D. Pedro, que todos já tratavam e obedeciam como a rei, era o primeiro degrau para uma amnistia plena de todos os crimes passados, e isto o induzia também a involver-se na aventura, que principiava sob tão felizes auspícios, como o d'aquelle ampla recompensa.

Estas considerações, que fez mais rapidamente do que as descrevemos, resolveram-no por fim, e agarrando no gorro que pouco antes tinha arremessado para cima de um banco, seguiu silencioso a Samuel, que apresentando-o ao desconhecido, disse:

— Eis o homem, podeis confiar n'elle, que respondo pela sua discrição. É mudo como um sepulchro, fiel como um cão, fino como uma raposa, e valente como um leão.

O desconhecido fez um leve aceno com a cabeça a Philippe, dando-lhe signal de o seguir, e apertando a mão a Samuel, retirou-se acompanhado do Tranqueira.

Continua.



EGREJA EM CHAMPION-PARK.

Os membros da congregação alemã luterana, residentes em Camberwell e proximidades, formando um corpo já bastante numeroso, resolveram erigir um edificio accommodado á celebração de seus officios divinos, aos quaes até ali assistiam em uma sala que servia de escola. Escolheram para esse effeito o local n'uma propriedade particular em Champion-park, Denmark hill, e a primeira pedra foi collocada solememente no mez de Junho do anno passado.

Esta capella da communhão lutherana foi ha pouco aberta e sagrada; tem capacidade para duzentas pessoas, e consiste n'uma nave de quarenta e oito por vinte e oito pés, com seu presbyterio contiguo, e uma sachristia do lado do norte; o estylo d'architectura é o gothico primitivo com ornatos. As despezas da obra montaram para mais de duas mil libras esterlinas.

M.

## CERCO DE TROYA.

I

Ahi, nas partes da *Phrygia*,  
Ao Bosphoro avisinhada,  
De *Tróada* a capital  
Estava então assentada;  
E pelo nome de *Troya*  
Era entre os homens chamada.

E *Teucro* foi o primeiro  
Que n'estas partes reinou;  
E *Dardano*, genro seu,  
Os fundamentos lançou  
D'essa *Troya*, tão famosa,  
De que tanto se fallou.

*Erictonio* foi seu filho  
E foi tambem seu herdeiro,  
Que o mesmo throno deixou  
D'entre os filhos ao primeiro,  
E por signal *Trós* chamado,  
Monarcha illustre e guerreiro.

À cidade deu seu nome,  
Deu-o tambem á nação.  
E dos tres filhos que teve  
Por fiança á successão,  
Um, houve sorte de rei;  
Os dois, varia condição.

*Ganymedes*, era um d'elles:  
E moço tão tentador,  
Que, p'ra divino escanção,  
Destinado com primor  
Foi por Jove omnipotente,  
Dos ceos e terra senhor.

A deusa da juventude,  
E que *Hebe* se chamava,  
Era quem antes, no *Olympo*,  
Cargo tal desempenhava;  
Progenie illustre de *Juno*,  
A quem ella muito amava.

E d'aqui—se pois não mente  
Quanto diz a antiguidade —  
Esses odios da mãe *Juno*  
Contra a regia magestade,  
Que na *Phrygia* então reinava,  
E na troyana cidade.

Outro filho era *Assaraco* ;  
De quem nada falla ou conta  
Essa historia grandiosa,  
Que tão antiga remonta :  
Do que se pode inferir  
Que não fez coisa de monta.

E *Ilo* foi o terceiro,  
Que o sceptro e c'róa herdou ;  
E no de *Ilion* famosa,  
De *Troya* o nome trocou.  
A *Laomedonte*, seu filho,  
Excelso throno deixou.

As mãos de *Priamo* illustre  
Esta herança foi parar ;  
E no seu tempo os troyanos  
Foram tanto no medrar,  
Que outro reino mais rico  
Não era ali d'encontrar.

Cercou de fortes muralhas  
Sua capital famosa ;  
Torres tão bastas lhe deu,  
Que de forte a fez vaidosa ;  
E de fossos, bem profundos,  
Cercou em roda a ciosa.

*Hecuba* foi sua esposa :  
E era filha do rei  
Que na *Thracia* imperial  
Dava as ordens, dava a lei.

Eu agora vou contar-vos  
Um caso que d'ella sei.

Muitos filhos, muitas filhas,  
Teve a boa da rainha :  
E por extremos dos filhos  
Lhe veiu a sorte mesquinha,  
Não só d'ella, mas dos seus,  
Bem triste, cruel, e asinha.

Quando *Páris* deu ao mundo,  
Imaginou a princeza  
Das entranhas lhe sair  
Uma tocha muito acesa !  
E scismou no caso infando,  
Que bem era de estranheza.

Assim o disse ao marido,  
Que tambem n'elle pensou,  
E um orac'lo famoso  
Sobre o caso consultou :  
E a resposta foi tal,  
Qu'ao pobre rei assustou.

«Esse filho»—assim lhe disse—  
«Hade ser a perdição  
«Do pae, da mãe, dos irmãos,  
«Até da mesma nação ;  
«Porque trouxe já consigo  
«Uma eterna maldição!»

Pobre rei !... Tal sina ouvindo  
Mandou o filho matar ;  
Pois desgraças tão subidas  
Quiz a todos evitar...  
Mas quem pode a lei dos fados  
Por lei da terra frustrar !

Quando os intentos do 'sposo  
A rainha presentiu,  
Com taes artes, e taes manhas  
Seu algoz tanto induziu,  
Que salvado o tenro infante,  
Tal mandado não cumpriu.

E filho d'el-rei que era  
Foi creado entre pastores !  
Assim na idade cresceu  
Do campo exposto aos rigores  
Por tal modo, que esforçado  
Ganhou honras, e primores !

A guerreira juventude,  
Com grã premio de valor,  
Dava o monarcha um torneio :  
E lá foi por campeador  
*Páris* gentil, a provar  
Nobre esforço, nobre ardor.

A todos venceu, que ousaram  
Com elle as armas medir.  
Quem era p'ra forças ter  
De o desmontar ou ferir !  
Um primor era na liça  
As armas vél-o brandir.

*Hector*—o filho mais velho  
Do rei, e muito esforçado—  
Veiu tambem a combate,  
Valente, forte, e ousado,  
De tanto valor sentido,  
De tanta força espantado.

Porém no fero combate,  
Eit-o que as armas deixou.  
Direito a *Páris* se foi,  
E nos braços o tomou ;  
Tinha o irmão conhecido,  
E ternamente o saudou.

E *Páris* foi descoberto,  
Pela côrte festejado,  
E logo no reino teve  
Nobre emprego reservado ,  
A ir buscar sua tia  
Foi a *Sparta* deputado.

Porém, ah! que triste sina  
 Não foi a d'esta embaixada!  
 Do pobre rei *Menelão*,  
*Helena* — esposa adorada,  
 Por quem *Páris* se rendeu —  
 A *Troya* levou roubada!

Não entregal-a jurou,  
 Se não lhe dessem a tia  
 Que se achava lá captiva,  
 E que *Sparta* não queria  
 D'aquelles ferros soltar,  
 Em que a triste se morria!

Juntaram-se os gregos todos  
 Por sua *Helena* vingar,  
 E juraram furibundos  
 A *Troya* inteira arrasar. . .  
 Em breve tudo se apresta  
 Para em campo batalhar!

Tal foi a causa da guerra  
 Que todo o mundo espantou,  
 E do cerco tão famoso,  
 Que por dez annos durou,  
 E vencidos, vencedores,  
 Em mil damnos abysmou!

\*\*\*

## CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

### III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Organisado assim o prestito, inventaram os ordenadores da festa que os Santos, cujas reliquias já estavam em Lisboa, saísem a receber as novas reliquias. Ao passar a procissão pela rua da Padaria, mesmo no fim d'ella, saiu a recebel-as, a cavallo, Santa Engracia, virgem e martyr, com dezoito cavalleiros portuguezes, os quaes todos tinham sido martyrisados em Saragoça. Esta companhia de martyres, com palmas nas mãos, e vestidos á portugueza mui ricamente de côres diferentes com muitas joias, cadêas de ouro, medalhas, pedras preciosas. e botas de cor com orelheiras ornadas de muitos botões de ouro, e rica pedraria, todos com terçados de punhos d'ouro e prata, vinha em formosos e bem ajaezados cavallos, com mais de vinte lacaios á moirisca, vestidos de marlotas, levando os corseis pela redea. Os Santos levavam os seus nomes escriptos no arção trazeiro da sella.

Santa Engracia ia montada n'um cavallo pombo. A fralda do vestido lhe fazia duas vasquinhas de tela, uma branca, outra verde, com

barras e lavores de brocado. O gibão era lavrado de ramos de ouro com umas mangas largas de tela vermelha, barradas de broslado de muito rico feitio. Levava um saio alto de tela branca com muitos passamanes d'ouro; e o manto que a cobria era de tela de prata apassamanada de ouro. O toucado era á antiga, todo semeado de rubis, perolas, e mais pedraria. No pescoço levava um collar de dois fios de perolas.

Ia sentada n'uma sella de prata, que foi da infanta D. Maria, lavrada de bastiães, com taboas de cavalgar, todas de prata doirada, do mesmo lavor. Os arreios do cavallo eram peças ricas e lavradas de tarjas e carrancas de prata.

Esta cavalgada uniu-se á procissão, e foi com ella para S. Roque.

No Pelourinho velho estava levantada uma estancia de mais de cincoenta palmos em comprimento, com varias columnas na frontaria, ornadas de damasco carmesi, e histriadas com rendas de ouro e prata; sobre as quaes se armava um ceo toldado de nuvens, feitas de volantes, sobre damasco azul, com muitos anjinhos, que saíam d'entre as nuvens, e se mostravam com muita arte e propriedade. O ceo estava cheio de grande multidão de estrellas d'ouro matte, e de prata. Da parte da parede desciam d'este ceo muitos doceis de brocado, em que se encostavam os anjos de cada hierarchia em tres ordens de degraus, a modo de throno. Do pavimento da gloria pendiam varias sedas e peças de brocadillo, que serviam de cobrir o travejamento e acompanhar a formosura da escada, que estava ornada de seda e veos fingindo nuvens. D'esta estancia desceram as tres hierarchias de anjos, cada uma por sua vez, a acompanhar as recém-chegadas reliquias.

Chegados ao Pelourinho velho os quatro primeiros andores, descerraram-se as cortinas da Gloria e appareceram mais de sessenta anjos da primeira hierarchia. Vestiam sedas de diversas côres; tinham azas doiradas; calçavam alpacas semeadas de rica pedraria, e na cabeça traziam uma capella de flores. Estavam divididos em coros, e cada côro com sua divisa nas mãos. Os da ultima hierarchia, que eram os *principales*, estavam no degrau mais elevado, vestiam de verde e roxo, e seguravam sceptros doirados: seguia-se na escala decrescente a segunda ordem, os *archanjos*, trajando branco e carmesi, com espadas na mão: no ultimo degrau estavam os *anjos*, adornados de varias côres, alguns segurando leques, outros com punhaes, e varios tangendo instrumentos musicos. Receberam as reliquias com um suavissimo canto, e depois desceram o throno para se incorporarem na procissão, adiante dos primeiros andores. Á frente de toda a hierarchia ia um anjo vestido de ricas armas, com morrião, peito, e espaldar doirado, segurando na mão um guião de seda branca; e no coice do esquadrão ia o principe vestido e armado com espada e escudo.

Ao apparecerem os quatro andores do centro, se deu vista novamente da Gloria, com muita musica. Agora era a vez da segunda hierarchia, representada em perto de cento e cincoenta anjos. As *denominações* vestiam branco e verde, com salvas de prata nas mãos, e corôas por insignias: depois as *virtudes*, trajavam azul, e seguravam espheras doiradas e prateadas: ultimamente as *potestades*, adornadas de carmesi e oiro, com varas doiradas nas mãos. As capellas de flores que lhes cingiam as cabeças eram de cera; as azas doiradas, e as alparcas ornadas de perolas e botões de oiro. Acompanharam como a precedente hierarchia a procissão, collocando-se na frente dos quatro andores do centro, iam á cabeça da phalange um com o guião que era de seda azul, e cerrava a comitiva o principe, com espada e escudo.

Finalmente ao dar-se vista dos quatro ultimos andores, correu-se novamente a cortina á Gloria, e appareceram os *seraphins* no mais alto logar, vestidos de oiro e carmesi, e nas mãos por divisa uns escudos doirados com corações asse-teados e lançando chammas. No centro estavam os *cherubins*, vestidos de tela e seda branca empunhando lyrios doirados. Por ultimo os *thronos* trajando de vermelho e amarello, com escudos onde se pintaram por divisa thronos reaes. Involveram-se na procissão levando na frente o seu guião, e no coice, como principe d'esta hierarchia, o archanjo S. Miguel.

Entrando a procissão na Rua Novaahi encontrou levantado outro estrado, de comprimento de cem palmos, com doze columnas na frontaria, ricamente adornadas, e sobre ellas assente um ceo de carmesi, e da banda da parede ricos doceis de brocado, aos quaes se encostavam trinta cadeiras de velludo com pregaria doirada, sobre estrados de dois palmos de alto. N'estas cadeiras estavam assentados, pela ordem e dignidade das provincias, os Santos que Portugal tem particularmente por seus; e eram — de Braga, e Entre Douro e Minho — S. Gonçalo d'Amarante; S. Rosendo; S. Pantaleão; S. Victor; S. Gerardo; S. Fructuoso; Santa Suzana; S. Martinho arcebispo, e S. Pedro martyr: — de Coimbra, Santa Isabel, rainha; S. Theotonio; Santa Comba; S. Berardo, Pedro, Adjuto, Otto, e Accursio, da ordem de S. Francisco, martyrisados em Marrocos; S. Damaso: — de Santarem, S. Fr. Gil: — de Evora, S. Vicente; Santa Cristeta; Santa Sabina, e S. Manços: — de Lisboa, S. Verissimo; Santa Maxima; Santa Julia; Santo Antonio; e S. Vicente, martyr. Todos estes Santos receberam de pé a procissão, e se incorporaram n'ella, repartindo-se pelo acompanhamento dos andores, levando na frente anjos custodios e da guarda das cidades e provincias que representavam.

Na mesma Rua Nova, junto á ermida de Nossa Senhora da Oliveira, se levantava um arco, de quarenta palmos de largo, noventa de alto, e onze de grossura. Era corinthio, e de quatro

faces: simples as duas que davam para as paredes, e adornadas as outras que olhavam para o seguimento da rua.

A primeira d'estas faces dedicava-se aos doutores da Igreja, bispos e confessores. Tinha dois pedestaes de dez palmos de alto, cada um com seu caixilho ovado, e dentro d'um representado um carro triumphante puxado por dois pavões, com ventos nas rodas, e por terra uma figura, que significava a *soberba*; e no outro representada a *cubiça* na allegoria tambem de um carro levado por grandes lagartos e sapos, e derrubado um horrendo monstro, com corôa na cabeça, a bocca aberta recolhendo dinheiro, e unhas muito compridas. Tudo isto era acompanhado de letras que o explicavam.

Sobre os pedestaes elevavam-se quatro columnas, duas a cada parte, com cornijas, alquitrave e fechos do arco; e n'este a sua dedicação; e nos seguintes dos arcos uns anjos com allegorias. Por cima do friso corria um corpo com seu painel que representava Christo em uma nuvem, com os braços abertos, como a receber os Santos; e dos lados do quadro diversos doutores, bispos, religiosos, e Santos do estado secular. No alto do painel estavam muitos anjos, e nas faxas dois nichos com sua estatua da *sobriedade* e da *vigilancia*. Mais estatuas e emblemas adornavam esta face do arco, e que para o intento seria prolixo narrar aqui.

A outra face opposta a esta era dedicada á *pureza e castidade*. Igualava aquella nos ornamentos e obra. No painel circular do frontispicio tinha varias estatuas representando a *castidade*, a *vergõnha*, etc. D'este lado o painel correspondente ao outro representava a historia do Apocalypse, com o cordeiro e a cruz, e coros de virgens e anjos. Nas faxas d'este painel as figuras do *temor* e do *amor*. Nos ovados dos pedestaes, de uma banda o diluvio e a arca de Noé; e da outra o incendio de Sodoma, e Loth conduzido por um anjo.

Por dentro do arco, na parte que formava a sua grossura, varios emblemas, divisas, tenções e figuras de José do Egypto, e S. José esposo de Maria.

Nas voltas das ruas e encruzilhadas por onde seguia a procissão estavam figuras como veremos. Logo ao sair da Rua Nova para entrar na ourivezaria, estava uma indicando por onde o prestito devia seguir: no principio da rua dos *Escudeiros*, onde se tomava para o *Poço do Chão*, e se começava a subir a *calçada de Pé de Navas* para S. Roque, estava a estatua da virtude da *fortaleza*: no cimo d'esta calçada achava-se a da *justiça*.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Purificada a religião christã dos abusos n'ella introduzidos pelos homens, nada ha mais eloquente, mais santo, e mais perfeito.